

# Dez escritores europeus que (já) mereciam ser traduzidos em Portugal

TEXTO DE JOSÉ RIÇO DIREITINHO

**Kjell Askildsen**  
(Noruega, 1929)

É um mestre na arte de escrever contos. A sua primeira coletânea (*Desde Agora te Acompanharé a Casa*, edição espanhola na Língua de Trapo) foi publicada em 1953, e de imediato teve o reconhecimento da crítica; mas na biblioteca pública do lugar onde nasceu, Mandal, foi classificada de imoral e proibida pelo seu conteúdo sexual. Com um estilo enganadoramente asséptico e frio, de frases concisas e simples, quase parecendo o desdenhar do uso dos adjetivos, Kjell Askildsen criou um universo literário onde não há lugar para bucolicos retratos dos fiordes: os personagens, mal-humorados e com fobia social, dos quais não são feitas descrições físicas, parecem estar sempre em conflito com a pessoa que lhes é mais próxima. Há sempre por perto um qualquer abismo silencioso e ameaçador. A dificuldade em nos conhecermos a nós próprios – e também àqueles com quem vivemos – cria um mundo cínico, de sentimentos hibernados, de falta de comunicação, pouco razoável e por vezes quase a tocar o absurdo, mas que Askildsen enfeita com um humor bastante negro e irónico, uma subespécie (porque muito singular) do sarcasmo ácido que caracteriza alguma literatura escandinava. A sua escrita gelada,

**James Kelman**  
(Escócia, 1946)

É considerado, por muitos, o melhor escritor escocês e um dos mais importantes romancistas contemporâneos de língua inglesa. Autor de romances, coletâneas de contos, peças de teatro e ensaios políticos, é por vezes apontado como um escritor política e culturalmente comprometido, que tenta subverter o espaço cultural da globalização, insistindo numa especificidade local da identidade da literatura.

Os romances de James Kelman tratam sobretudo de experiências urbanas, com narradores da «classe trabalhadora» que tentam mostrar a sua inventiva capacidade de resposta ao capitalismo. Mas esses anti-heróis tendem a ser mais rebeldes do que revolucionários, indivíduos que acabam por se alienar das estruturas sociais, passando a viver como meros observadores da sociedade. Parecem sempre demasiadamente envolvidos com a sua impotência política para transformar o que quer que seja, acabando por alitar apenas o seu *status*. A voz narrativa é normalmente a da «terceira pessoa», o que deixa Kelman sempre numa posição de autoridade face aos seus personagens; mas de vez em quando surge um narrador; à semelhança de Joyce, que se move em diferentes planos de omnisciência e de imanên-

**Tomas Tranströmer**  
(Suécia, 1931)

É um dos «nomes fortes» que em todos os começos de Outubro é apontado como um provável eleito pelo Comité Nobel. Consta em algumas publicações, especialmente alemãs, o rumor de que o seu nome tem vindo a ser propositadamente adiado por a Academia ainda não ter querido atribuir, nas últimas três décadas, o prémio a um sueco. Verdade é que poucos poetas têm tido tantas obras traduzidas em vida; a sua génia aponta para mais de 50 línguas. Recebeu quase todos os importantes prémios internacionais de poesia existentes.

Tomas Tranströmer tem uma lírica originalíssima e, de certo modo, um imaginário próximo do dos surrealistas. O trabalho poético que iniciou em meados dos anos 50, e que tem influenciado profundamente poetas contemporâneos norte-americanos e europeus, encontra raízes na poesia modernista e expressionista/surrealista. Ao longo de décadas, Tranströmer tem vindo a apurar a linguagem poética com uma genialidade característica de poucos. Os seus poemas estão imbuídos de uma estranha justaposição de forças primeiras e contrárias, sempre assentes na experiência e na realidade circundante; movimento e mudança, liberdade e controlo do discurso, natureza e influência humana, fazem parte das suas

lúcida e dolorosamente eficaz, de uma sobriedade que por vezes deixa o leitor aturdido, pode ser entendida como um trabalho profundo e corajoso sobre a inevitabilidade da solidão e do desconsolo emocional.

Kjell Askildsen, também tradutor para o norueguês de Strindberg, Beckett, Harold Pinter, entre muitos outros, publicou seis romances e nove colecções de contos, e está traduzido em várias línguas europeias. Autor bastas vezes premiado nos países nórdicos, foi-lhe já este ano atribuído o Swedish Academy's Nordic Prize.

cia, e então dá-se a surpresa. Alguns desses monólogos interiores, com lutas labirínticas com a autoridade, fazem lembrar os contos de Kafka.

James Kelman começou por publicar histórias nos anos 70, mas foi o romance *A Disaffection* que em 1989 o lançou para o grande público ao aparecer na *shortlist* do Booker, prémio que acabaria por receber em 1994 com *How Late it Was, How Late*, provocando acesas discussões entre críticos literários. O seu nome foi já este ano incluído na *shortlist* do Man Booker International Prize, que de dois em dois anos distingue um autor de qualquer nacionalidade (desde que traduzido para inglês) pelo conjunto das suas obras.

paisagens poéticas, localizadas algures entre o sonho e o pesadelo. A luta entre a terra e o mar é outro dos seus temas preferidos, particularmente nos poemas que se referem ao Báltico ou às suas ilhas, lugar dos Verões da infância, numa tentativa de reconstrução da memória. Nos poemas de Tranströmer, as imagens poéticas parecem muitas vezes abrir portas para espaços psicológicos e para interpretações metafísicas, havendo uma espécie de «ideia religiosa» a aflorar alguns versos.

*The Great Enigma: New Collected Poems*, tradução de Robin Fulton, e editado em 2006 pela New Directions Books, reúne a quase totalidade do seu trabalho poético. Tomas Tranströmer é também tradutor e exerceu durante toda a vida a profissão de psicólogo clínico, tendo trabalhado em prisões juvenis e com toxicodependentes.



©Sinn Stale Felberg

**Merece ser traduzido** pelo universo literário bastante singular, pelas histórias onde parece que é sempre Outono, e pela escrita em cujas palavras – transparentes e frias como o gelo – podemos avistar fantasmas interiores que nos são familiares.



©David Levenson/Getty Images

**Merece ser traduzido** pela curiosidade de ser um modernista tardio já tocado pelo pós-modernismo, e pela singularidade de um mundo e de uma linguagem de anti-heróis que têm andado um pouco arredios da literatura contemporânea.



©Ulja Montan

**Merece ser traduzido** pela sua lírica de grande originalidade, pelas imagens poéticas de uma natureza nórdica pouco conhecida e por ser uma referência incontornável na poesia europeia contemporânea.

## Marcel Möring (Holanda, 1957)

É um dos mais conceituados e traduzidos autores holandeses da actualidade, ao lado de Harry Mulisch e de Cees Nooteboom, apesar de pertencer a outra geração literária. Estreou-se em 1990 com *Mendei*, mas foi com *In Babylon* (1997) que o seu nome passou a ser reconhecido internacionalmente. Möring, de ascendência judaica, publicou este romance (por alguns considerado a sua *opus magnum*) para cumprir uma vontade antiga de escrever uma História da Europa no século XX. Assim, nesse quase genial *thriller* literário conseguiu juntar uma épica saga familiar, um romance *gótico* e uma crónica do século XX. *In Babylon* narra a história de uma família de relojeiros que chega à Holanda, vinda da zona de fronteira entre a Polónia e a Lituânia, no século XVIII.

Marcel Möring escreve um género de «romances de ideias», em que a história nunca se deixa dominar pelas referências à literatura europeia, à Filosofia ou à História. Vários são os livros deste autor holandês que tentam encontrar respostas para as questões «quem somos» e «onde estamos» sem raízes. Outro romance cuja tradução para inglês a crítica aclamou foi *The Dark Wood*, uma paródia ao *Inferno*, de Dante, transferido para uma cidade holandesa (ou vice-versa).

**Merece ser traduzido** pelo que traz de novas interrogações à literatura europeia, por ser uma voz marginal que se vai afirmando na constelação das grandes literaturas.

## Dubravka Ugresic (Croácia, 1949)

É uma das vozes mais originais da literatura balcânica. Antes da desagregação da antiga Jugoslávia escrevia romances cómicos e arremedados pós-modernistas de histórias românticas com um final feliz. Mas veio a guerra e os tempos mudaram: Dubravka Ugresic tornou-se numa autora mais «séria», passando a escrever sobre temas como o exílio, a vida de escritor, ou sobre a imposição arbitrária de fronteiras e de identidades, em r registo de ficção ou de ensaio.

A mestria técnica é uma das suas características mais notadas, ao conseguir juntar, por exemplo, subtilezas intertextualidades com diálogos assertivos. A complexidade do seu pensamento é expressa quase sempre com uma tocante simplicidade. A estrutura dos romances é epissódica, resultante de uma acumulação de peças numa espécie de *patchwork* narrativo em construção.

É autora de pelo menos dois livros bastante traduzidos e alvo das atenções dos críticos: *The Ministry of Pain* e também *The Museum of Unconditional Surrender*. O seu nome foi recentemente incluído na *shortlist* do Man Booker International Prize.

**Merece ser traduzido** pela originalidade de como aborda temas como a imposição de fronteiras e de identidades, e porque a literatura da era pós-Jugoslávia não é ainda suficientemente conhecida.

## Gudbergur Bergsson (Islândia, 1932)

É o único autor islandês que ganhou mais do que uma vez os maiores prémios da literatura nórdica e escandinava. Depois de nos anos 60 ter ido estudar espanhol para Barcelona, por lá se fixou e há poucos anos traduziu o *Quijote*

para islandês; é ainda responsável pela tradução de autores latino-americanos como García Márquez e Borges. (Chegou a traduzir também, pelo menos, alguns versos de Alexandre O'Neill.) Tem mais de 20 livros publicados, entre romances, novelas e colectâneas de contos. Parte importante da sua produção literária está traduzida para

castelhano e publicada por Ediciones Tusquets. Mas foi com o curto romance *O Cisne* (edição brasileira na Rocco) —pequena obra-prima, uma história implacável e inquietante—, que o seu nome se tornou internacionalmente conhecido. Depois disso vieram as traduções de, por exemplo, *Amar Duro* ou *La Magia de la Niñez*, obras

que confirmam Bergsson como um autor pouco dado a complacências e a receios de afrontar o leitor.

**Merece ser traduzido** porque conta histórias com a mesma inclinação do desapiedado clima islandês e porque é um discípulo esforçado e talentoso de Halldór Láxness.

## Per Olov Enquist (Suécia, 1934)

É o mais traduzido dos romancistas suecos contemporâneos. Ganhou reputação internacional no ano de 2003 ao ser-lhe atribuído o Independent Foreign Fiction Prize pelo romance de cariz histórico *The Visit of The Royal Physician*, uma história passada na corte do rei dinamarquês Cristiano VII com o seu médico pessoal, o alemão Johann Friedrich Struensee. Depois desse livro, as suas obras anteriores começaram a ser traduzidas um pouco por toda a Europa e Estados Unidos.

Originalmente escrito em 1999, foi uma espécie de «segunda vida literária» para Enquist, que em 1991, aquando da publicação sueca de *Kapten. Nemos Bibliotek* (*A Biblioteca do Capitão Nemo*), tinha anunciado que não voltaria a escrever romances, dedicando-se, a partir de então, apenas a teatro.

Per Olov Enquist (em alguns países apenas conhecido por P.O. Enquist) começou a publicar no início dos anos 60, pertencendo a uma geração de romancistas que procuravam uma nova forma de expressão literária e que começaram a assemelhar-se às influências do *nouveau roman* (Claude Simon, Alain Robbe-Grillet, ...). Mas passados dois livros, Enquist (que era então jornalista e um dos maiores atletas suecos no salto em altura) adopta um estilo próprio muito chegado ao do docu-

## Ingo Schulze (Alemanha, 1962)

É o mais importante escritor alemão surgido na cena literária germânica depois da queda do Muro de Berlim e da reunificação da Alemanha. O seu primeiro livro, de 1995, colectânea de contos intitulada *33 Augenblicke Des Glucks* (*33 Momentos de Alegria*), recebeu de imediato as mais entusiasmadas críticas (e traduções) e ainda todos os grandes prémios literários desse ano. Ingo Schulze nasceu na antiga Alemanha Democrática, em Dresden, e viveu durante algum tempo em Sam-petersburgo. Esses primeiros contos foram inspirados nessa estada na Rússia pós-*perestroika*. Três anos depois estreou-se no romance com *Simple Stories* —note-se que o título (previamente em inglês) adopta a maneira alemã de fazer o plural dos substantivos terminados em «y», com «ys», o que só por si pode denunciar o que aí vem sobre «crise de identidade». E o que veio foram histórias sobre a vida no lado leste depois da reunificação. Histórias sobre pessoas perdidas, confusas e desoladas, que se estranham ao entrar num mundo que não conhecem mas que se esforçam e lutam por entender. Os personagens movem-se, por vezes, como autênticos *aliens*.

O estilo de Schulze é lacónico, assemelhando-se um pouco ao de Raymond Carver, mas o que no autor norte-americano

## Dag Solstad (Noruega, 1941)

É um dos autores escandinavos mais premiados e traduzido para línguas europeias. Não es-creve para o grande público dos *best-sellers*. As suas histórias, bem arquitectadas, exigem tempo para a leitura.

Os personagens principais são quase sempre escritores, professores, historiadores, todos solitários à procura de um sentido para a vida, vidas a que, na- bem organizada sociedade escandinava, aparentemente nada falta. O seu estilo de escrita é seco e por vezes inesperadamente atravessado por um humor cáustico.

Um dos seus últimos livros, *Armand V*, narra-nos a história de um diplomata norueguês aparentemente de sucesso. O romance, com o subtítulo *Footnotes to an Unexcavated novel*, é quase todo ele construído com notas de rodapé – a nota 7, por exemplo, tem 50 páginas. Solstad tenta responder àqueles que dizem que a forma (ou a fórmula) do romance está esgotada.

Outro título de Solstad que faz dele um autor singular é *Shyness and Dignity*, onde se conta a história de um dia na vida de Elias Rukla, professor de Literatura que ensina Ibsen, mas que há 25 anos tenta entender uma das cenas da peça *O Pato Bravo*.

**Merece ser traduzido** pela singularidade do imaginário e da escrita precisa e clara, porque a Noruega não são só fiordes e gente rica e bonita.

## Arnost Lustig (República Checa, 1926)

É um sobrevivente dos campos de concentração nazis e um dos mais importantes escritores da República Checa. Em 1942, ainda adolescente, foi enviado para o campo de Theresienstadt e depois para Auschwitz e depois ainda da para Buchenwald. Em 1945 conseguiu fugir de um comboio que o levava para Dachau. Na década de 60 era um dos mais ferre- zes opositores do regime comunista checo, e em 1968, depois da «Primavera de Praga», conseguiu emigrar para os Estados Unidos.

Nos seus livros (*Lovely Green Eyes* ou *Indecent Dreams*, entre outros) explora a existência interior dos que vivem na margem do abismo. Não são histórias de guerra, mas antes sobre o conflito em cada indivíduo que tem que resistir à brutalidade, à crueldade e à obscenidade do nazismo. Os romances de Arnost Lustig constroem-se numa atmosfera densa de tempestade eminente, a energia vai-se acumulando, mas só no final é descarregada com toda a violência.

O seu nome foi recentemente incluído na *shortlist* do Man Booker International Prize.

**Merece ser traduzido** por ser da República Checa de onde quase só chega a voz «afrancesada» de Kundera, por saber sobre o que escreve e fazê-lo com originalidade.

mentário jornalístico, reconstruindo acontecimentos em que a verdade estava muitas vezes inacessível e em que os factos tinham uma natureza ambígua que lhe deixava espaço para a ficção. Eram os tempos do furor dos romances de Norman Mailer e de Truman Capote, nos Estados Unidos.

Por essa altura, Enquist inspira-se no famoso voo solitário de Rudolf Hess para Inglaterra no final da Segunda Guerra Mundial (*Hess*, 1966) e na deportação pela Suécia de soldados dos Estados bálticos que tinham lutado ao lado dos alemães durante a guerra. Depois disso, continua a inspirar-se em factos de cariz histórico, de séculos passados, e a fazer deles uma leitura muito singular.

é uma espécie de «claridade de palavra que não é dita», em Schulze isso é substituído pela obscuridade e pela intangibilidade, transformando a narrativa numa «comédia». Os episódios são cortados como num filme, mesmo quando gangues de *punks* e de *skinheads* travam batalhas pelas ruas de Altenburg. Doze personagens sobem ao palco para declamarem as histórias das suas vidas, e o resultado é um impressionante romance picaresco pós-moderno.

Depois desse, Ingo Schulze escreveu mais alguns romances, de entre os quais se destacam, pela recepção da crítica e do público e ainda pelo número de traduções, *Neue Leben* (*Vidas Novas*) e *Haraldy* (*Telemóvel*).



**Merece ser traduzido** pela escrita luminosa de um dos cultores europeus do *new journalism*, que não deixou que a inspiração se ficasse por temas domésticos, optando por momentos da História Europeia.

**Merece ser traduzido** porque na Alemanha há mais vida literária para além de Günter Grass e do «Grupo 47» (Böll, Walsert, Enzensberger e Handke), e porque Schulze nos traz uma visão da reunificação alemã que não foi publicada nos jornais.